Passe - Uma experiência brasileira

O cartel do passe, o passador e a escola

Clínica do passe

A propósito da expressão "passe sob transferência"

Graça Pamplona

A expressão *passe sob transferência*, hoje adotada no âmbito do Campo Lacaniano no Brasil para designar a experiência de se aplicar o dispositivo do passe para entrar como membro nas Escolas da AMP, método denominado usualmente como passe de entrada, leva-me a escrever essas pequenas considerações, buscando, de um lado, situar o surgimento dessa expressão e, de outro lado, localizar seu propósito inicial, pelo menos quanto ao que dela me concerne.

Propus o termo *passe sob transferência*, no início deste ano, 1999, a Roseli Rodella, quando, em nome do 2º Cartel de Coordenação do FCL do Rio de Janeiro[1], convidei-a a apresentar um testemunho sobre sua experiência de passante na EBP e assim iniciar o programa de trabalho que, desde março/99, tem consistido em exposições de colegas que, hoje estando no Campo Lacaniano, tiveram a experiência do passe na AMP, e particularmente na EBP.

Registro que Roseli Rodella entrou como membro da EBP pelo passe e que seu depoimento foi escutado pelo primeiro cartel do passe, constituído por Antonio Quinet, Jairo Gerbase, Jorge Forbes, Bernardino Horne e Antonio Godino Cabas (+1) e um êxtimo indicado pelo Delegado Geral da AMP. Esse cartel indicou-a para membro da Escola. Ela fez, portanto, o *passe de entrada*, para usarmos a antiga expressão, tendo sido uma das primeiras pessoas a encaminhar ao Secretariado do Passe seu pedido de passar pelo dispositivo, pouco depois da fundação da EBP.

Com o termo *passe sob transferência* aludo diretamente à expressão *clínica sob transferência* que é o modo como se define, desde Freud, a clínica psicanalítica. A Psicanálise é um tratamento sob transferência. É esta que o estrutura, do início ao fim. Mola, pivô, obstáculo, articulando os progressos e as detenções do tratamento, quando é então chamada de *resistência*, a transferência é condição de análise posto que é a atualização da realidade do Inconsciente. É disso que se trata. Ela está no início – " no começo da psicanálise está a transferência" (Lacan, 1967)[2] – assim como no final da partida, quando chega a termo a relação da transferência, com a solução dada a ela pelo analisante.

Com a expressão *passe sob transferência* – termo que foi aceito por Roseli Rodella para intitular sua exposição no FCL do Rio e, em seguida, adotado pela Comissão Crítica do Passe de onde reverberou para as discussões, até tornar-se tema de uma das plenárias sobre o passe no Fórum Nacional do Campo Lacaniano em Belo Horizonte –, visei, tão-somente, ressituar em um nível conceitual o que foi a experiência de oferta do dispositivo de passe para um fim diverso de sua concepção por Lacan. O *passe de entrada*, sabemos, foi oferecido para sujeitos que ainda estivessem no percurso de suas análises, ou que não as julgavam concluídas ou que tampouco pretendessem uma nomeação de AE – este último às vezes chamado de passe de final e até mesmo de passe pleno. A meu ver, a expressão *passe de entrada*,

tal como foi e ainda é usada na AMP, não remete a nenhum dos conceitos fundamentais da Psicanálise. E pode-se interrogar se remete ou não a noções psicanalíticas. *Passe de entrada*, como expressão e prática institucional, na verdade, reduz a passagem pelo dispositivo – a qual é da ordem da experiência e enquanto tal a serem, dela, extraídas conseqüências teóricas e clínicas que façam avançar a Psicanálise – ao ingresso na Escola. Ingresso no sentido em que se pode dizer um ingresso para o cinema ou teatro. Entendo que não possa ser reduzida assim. É claro que podemos tentar pensar sobre a noção de entrada em análise como o momento em que o sujeito ultrapassa o umbral das entrevistas preliminares com a constituição da transferência analítica e, nesse caso, estaríamos opondo dois momentos lógicos do tratamento analítico, a entrada e o final. Antonio Quinet, em seu texto "As três entradas"[3], desenvolve seriamente essa questão, buscando, a partir dos relatos dos passantes que chegaram ao 1º cartel do passe, formalizar algo dessa experiência.

Mas não eram propriamente estas as questões do *passe de entrada*. Vemos hoje que, mesmo a Carta aos Italianos[4], tomada como o texto institucional de Lacan para justificar o passe de entrada, veio na verdade como uma manobra política e muito distante da radicalidade que a proposição do passe alcança nesse texto. Se hoje podemos fazer a crítica quanto ao uso político do passe– de final ou de entrada –, cabe no entanto notar que a oferta do passe de entrada, lançada em novembro 1990 com a Questão de Madri por J.-A. Miller, provocou um intenso debate sobre o passe, o aumento crescente de demandas do dispositivo tanto para entrar nas Escolas como para nomeação de AE e, finalmente, uma intensa produção teórica sobre a conclusão das análises. Ou seja, houve um efeito institucional e também clínico. A *Questão de Madri* veio no bojo de uma crise institucional sobre o passe e vale dizer que então a EBP não havia ainda sido fundada, mas teve também efeitos sobre o que se pensava e debatia visando sua construção.

A pergunta de Miller em Madri – " Vocês querem, sim ou não, levar a sério, colocar em prática a segunda proposição do passe? – isto é, a proposição feita por Lacan aos italianos em 1974, de entrar na Escola pela via do passe" – recebeu aprovação.

O sim, o consentimento, a resposta afirmativa veio da Escola da Causa Freudiana e da Escola Européia de Psicanálise desde logo. Mais que isso, muitos de nós, hoje integrantes dos FCLs, fomos buscar nos textos de Jacques Lacan os meios para legitimar a modificação introduzida na Proposição de Jacques Lacan, o qual, na Carta aos Italianos, tornara-a mais rigorosa. Foi um esforço justo e no qual estava em jogo o que há de transferência, enquanto transferência de trabalho, com o que ela implica de confiança.

Na EBP, o sim do consentimento à instalação do dispositivo do passe, com a finalidade única de proporcionar o passe de entrada, foi dado por seus membros, entre os quais eu me encontrava, na sua primeira Assembléia realizada em 01 de maio de 1995, no Rio de Janeiro, dia seguinte à sua fundação. Ainda que fosse uma proposta proveniente dos Conselhos da AMP e da EBP, onde circulavam nossa confiança e nossas transferências, tenho um compromisso ético com sua implantação,

razão pela qual hoje, no Campo Lacaniano, cabe-me buscar extrair suas conseqüências, embora jamais tenha participado diretamente do dispositivo do passe.

O retorno da experiência do passe ao campo conceitual, sua incidência sobre a clínica, parece-me ser a via principal com a qual podemos nos situar, no eixo institucional, na via do rigor esperado com respeito ao que se faz em Psicanálise. Ou seja, poder retornar sobre a prática do dispositivo do passe, seja qual for a finalidade com a qual ele foi aplicado.

A expressão *passe sob transferência* talvez não seja a mais justa para designar tal experiência, sobre ela há muito por trabalhar, até que seja para refutá-la ou pelo menos modalizá-la. Todavia foi uma expressão que nos pôs ao trabalho no plano conceitual – o conceito da transferência.

A título do que pareceria anedótico se não fosse sério quando tomado *a posteriori*, vale a pena trazer uma reflexão que tem por base o momento em que os membros da EBP afirmaram sua concordância com o passe de entrada. À pergunta então trazida por J. A. Miller, que aqui sintetizamos – " sim ou não, vocês querem colocar em prática o dispositivo do passe de entrada na EBP?" –, os membros deviam responder em escrutinio secreto, escolhendo uma das opções.

Um único voto escapou, ali, ao minimalismo, fazendo furo na unanimidade. Esse voto disse, por escrito: "Sim, em termos de experiência."

Na apuração, esse voto foi nulificado por J.-A. Miller que, lendo-o, o retirou e não o inscreveu no cômputo dos votos dados pois, segundo ele, tratava-se de uma "resistência". O autor desse voto restou ignorado pois, como disse, o escrutínio foi secreto. Aliás, outra coisa que não a autoria do voto é o que quero aqui registrar, afirmando, inclusive, que eu própria dei, ali, o meu assentimento. O que quero registrar, *a posteriori* e de início, é a dimensão de enunciação e de desejo daquele voto. A unanimidade foi obtida, talvez até registrada em ata e divulgada a todos. Porém, nesse *a posteriori*, duas questões a mim se impuseram ao recuperar esse dado. A primeira é: o que se pode aprender da experiência vivida em uma instituição psicanalítica que, se reclamando o ensino de Jacques Lacan, exclui – talvez possamos dizer que foraclui – a " resistência"? Pois, a clínica sob transferência nos demonstra a " resistência" como um obstáculo ao saber inconsciente onde, na via analisante, podemos encontrar pontos de ultrapassagem como ganhos de saber inconsciente, sustentados pelo desejo do analista, em direção à destituição subjetiva, condição de emergência do desejo do analista do lado do analisante. Evito agora estender-me sobre esse ponto. Foracluir a resistência é foracluir a transferência – inclusive e sobretudo como um dos conceitos fundamentais da Psicanálise, com repercussões sobre a instituição analítica e sobre a clínica que cabe ser mantida no rigor de Freud (e, é claro, de Lacan).

O segundo destaque que aquele voto me traz, remete-me ao que é necessário fazermos, e que estamos levando adiante: verificar os efeitos do dispositivo do passe, dito de entrada, no que foi a experiência brasileira. Tirar suas conseqüências, verificar que o dispositivo funciona, malgrado manobras política, ser ensinado pela experiência dos passantes para que a Psicanálise avance como saber

Para concluir, observo que, algumas vezes, escutamos colegas de outros países, concernidos nos FCL, colegas em cujas Escolas o dispositivo comportava tanto a nomeação de AE quanto a entrada como membro, referirem-se ao passe de entrada como uma "degradação" do passe. Discordo dessa avaliação. Penso que considerá-la assim pode resultar em uma posição meramente ideológica, com os riscos que isso comporta. A degradação ocorreu no nível do tratamento dado, institucional e conceitualmente, a essa experiência. Porém o problema maior seria deixarmos de tomar a sério que o dispositivo foi oferecido e produziu efeitos a serem situados conceitualmente para avançarmos com a Psicanálise tendo o passe no cerne da experiência da Escola. Ou seja, é nesse momento que se ressalta, para mim, aquele voto de autor desconhecido, que não se recusou a marcar a experiência como prioritária ao sim.

---

[1] O 2º Cartel de Coordenação do FCL Rio (dez/98 a ago/99) era composto por Clara Inem, Consuelo Pereira de Almeida, Elizabeth Taucei, (+1), Graça Pamplona e Romero Rubião. Programa de trabalho "Passe, Escola e Transferência".

[2] LACAN, J. "Proposición del 9 de Outubro de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela", in *Momentos cruciales de la experiencia analítica*, Manantial, 1987, Buenos Aires.

[3] Antonio Quinet apresentou, ainda na EBP, em 1997, o trabalho intitulado "As três entradas".

[4] LACAN, J. Carta aos Italianos. *Opção Lacaniana,* n.11, nov./1974.